

Gramática da Amizade: Estudo sobre Comunicação e a construção das emoções nas redes sociais on-line¹

João Vitor Rodrigues²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

De Aristóteles aos cientistas sociais que buscam compreendê-la sob os aspectos da Antropologia, a amizade – sentimento e ao mesmo tempo relação – aproxima e une as pessoas. Com a internet, recebeu o suporte de ferramentas de comunicação mediadas pelo computador, que permitiram aos amigos estabelecer contato de forma quase ininterrupta, através de dispositivos de bate-papo e dos sites de redes sociais. O Facebook, uma dessas ferramentas, é um site de rede social que conecta amigos. No espaço social de interação dentro dele, os atores da rede espelham-se em códigos da relação existentes fora do ambiente on-line. Esses códigos compõem a gramática da amizade, analisada, neste artigo, a partir da comunicação mediada pelo computador, pelo contexto interacional pré-existente ao surgimento do Facebook e pela ótica da Antropologia das Emoções.

Palavras-chave: Redes Sociais; Amizade; Antropologia das Emoções; Facebook.

Introdução

Redes sociais digitais não são sinônimo de dado momento da sociedade dominada pela cultura digital. Tampouco estão relacionadas apenas ao desenvolvimento e à expansão da rede mundial de computadores, a internet³. Recuero (2009) define o conceito de rede social como um conjunto de atores e conexões. Os atores são pessoas, instituições ou grupos, representados pelos nós da rede. E as conexões são as interações ou laços sociais. Dessa forma, a rede se torna “uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores” (RECUERO, 2009, p.24).

Aliados a essa metáfora de redes e às mudanças trazidas para a sociedade pelo advento da Comunicação Mediada pelo Computador (CMC)⁴, que vem alterando “as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social” (RECUERO, 2009,

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação Social da PUC-RJ, e-mail: joaovitorodrigu3s@gmail.com

³ Neste artigo, internet será grafada com letra minúscula seguindo padrão e metodologia escolhidos por Frago et al. (2011, p. 23), em que afirma que a utilização da letra maiúscula sugere ao termo tratar-se de nome próprio ou de lugar.

⁴ “Originalmente, a CMC era definida como uma forma de comunicação eletrônica escrita, mas o termo passou a ser usado para se referir a um amplo âmbito de tecnologia que facilita tanto a comunicação humana quanto a partilha interativa de informação através de redes de computador” (BRAGA, 2008: 41)

p.16), encontram-se os sites de redes sociais na internet, como pode ser assim considerada “toda ferramenta que for utilizada de modo a permitir que se expressem as redes sociais suportadas por ela” (RECUERO, 2009, p. 102). Esses sites são “uma consequência da apropriação das ferramentas de comunicação mediada pelo computador pelos atores sociais”, segundo Recuero (2009, p. 102). O Facebook é o que possui o maior número de usuários ativos desde o final de 2011⁵.

As ferramentas de que os atores participantes da comunicação mediada pelo computador apropriaram-se, como os sites de redes sociais, permitiram a eles que pudessem construir sua presença na rede através de dados como nomes, fotos, data e local de nascimento, cidade onde vivem, gostos musicais etc., definindo, assim, uma identidade dentro deles. Além disso, possibilitaram interagir e comunicar-se com outros atores. Com isso, a partir da década de 90, conforme aponta Recuero (2009), o estudo de redes sociais tem uma nova perspectiva, pois as indicações, ou rastros, deixados por eles na comunicação, interação e conversação com outros atores na rede de computadores “permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros” (RECUERO, 2009, p.24). Para a autora, “é neste âmbito que a rede como metáfora estrutural para a compreensão dos grupos na Internet é utilizada através da perspectiva de rede social” (RECUERO, 2009, p. 24).

O estudo das redes sociais na Internet, assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. (RECUERO, 2009, p. 24)

E foi diante da possibilidade de estudar as conexões entre os indivíduos através da perspectiva dos estudos de redes sociais, e frente ao fenômeno dos sites de redes sociais, que surgiu o interesse por investigar o objeto deste artigo. Além de tornar-se mais uma das ferramentas apropriadas na comunicação mediada pelo computador, um espaço social de interação, e de ter um alcance significativo frente ao número de pessoas com acesso à internet no mundo⁶, o Facebook chamou atenção para a necessidade desta análise que parte

⁵ Relatório publicado em novembro de 2014 pelo ITU – International Telecommunication Union: Measuring the Information Society Report 2014 (pág.22). Disponível em: http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/mis2014/MIS2014_without_Annex_4.pdf

⁶Serão mais de três bilhões de usuários de internet no mundo até o final de 2015, segundo estimativas divulgadas em maio deste ano pelo ITU – International Telecommunication Union, disponível em <http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/ICTFactsFigures2015.pdf>

da premissa de que ele poderia estar interferindo ou modificando códigos ou condutas de comportamento, a partir da interação no seu ambiente digital.

Segundo Braga (BRAGA, 2008, p.16), no processo de interação social que ocorre no interior dos ambientes da internet, as estratégias são individuais e grupais, adquiridas por apropriação de regras já estabelecidas em outros contextos relacionais. Ali, os comportamentos serão moldados caso a caso, conforme “demandas situacionais, anteriores a uma codificação formal explícita ou mesmo tácita, que se consolidará com a sedimentação de uma cultura da atividade on-line” (BRAGA, 2008, p.16). No que se refere especificamente à amizade, nos sites de redes sociais ela é aquilo que estabelece a conexão entre os participantes. Bastaria encontrar e enviar um convite para ser adicionado à lista de amigos de outro usuário, fazendo, assim, com que a amizade se estabeleça entre as duas partes.

Dentro desse quadro de referência contemporâneo é que se determina o objeto de estudo deste artigo: os códigos de expressão da amizade entre on-line e offline⁷, sob a perspectiva de um site de rede social, o Facebook. Partindo do pressuposto de Mauss (1980) de que a expressão dos sentimentos é uma linguagem usada pelos indivíduos para comunicar as suas emoções aos outros e a si mesmo, através de um código comum, as hipóteses aqui levantadas recaem sobre a constituição desse código no ambiente em que a comunicação é mediada pelo computador, mais especificamente, neste caso, o Facebook.

Quais são os códigos do contexto relacional da amizade, anteriores ao surgimento da comunicação mediada pelo computador, que estão sendo levados aos ambientes de um site de rede social, em que a amizade é tida como uma conexão sob a ótica dos estudos de redes sociais? Seriam os mesmos códigos ou é possível afirmar que há novas formas de expressar esse sentimento usando as ferramentas para a interação que se dá através do computador? Num site de rede social, esses códigos comuns na expressão de um sentimento já são previamente conhecidos e compartilhados? Todas as pessoas que participam da interação nesse ambiente on-line estão de acordo com a maneira como aqueles códigos do offline estão sendo usados ou adaptados? E o contrário, é possível afirmar que já existem códigos de expressão da amizade constituídos no on-line que estão sendo levados para o offline?

No centro dessas transformações que permitem a conexão dos computadores em rede e dos indivíduos através dessas máquinas, com elas e através delas com outros indivíduos,

⁷ Embora já muito comuns na linguagem dos estudos sobre internet e utilizados para opor as interações ocorridas no interior dos ambientes mediados pelo computador e fora deles, os termos on-line e offline serão usados a partir daqui para designar o que ocorre dentro dos ambientes da internet e fora dela, respectivamente.

está a internet, que, para Lemos (2008) criou “uma revolução sem precedentes na história da humanidade” (LEMOS 2008, p.116). Também através da internet e das diversas plataformas digitais, desenvolvidas nos últimos anos para comunicação, foi que se estabeleceram as redes sociais on-line, como são chamados os sites com a finalidade de relacionamento ou sites de redes sociais, como o Facebook. Eles servem para estabelecer uma aproximação entre as pessoas em diferentes níveis, como amigos, conhecidos, colegas de trabalho etc. Dentro desses ambientes, as pessoas trocam e compartilham, das formas mais variadas, diferentes tipos de mensagens, conectadas através de uma relação chamada amizade.

Ao mesmo tempo um sentimento e um tipo de relação, como afirmam Rezende & Coelho (2010), “concebida e praticada com significados, normas e valores culturalmente definidos” (REZENDE; COELHO, 2010, p.74), a amizade poderia estar recebendo influências das interações através das conexões nos sites de redes sociais ou sendo, em alguns aspectos, modificada por elas. O significado e o valor de um amigo, as práticas sociais que caracterizam a amizade, as trocas entre as partes, esses e outros elementos da relação podem estar sendo repetidos no on-line, como são hoje no offline. Ou recebendo outros códigos por influência desse novo ambiente de interação. Mas há também a hipótese de que alguns deles estão sendo substituídos por novos significados por causa da interação mediada pelo computador. Não se trata aqui, porém, de comparar on-line e offline, mas de se buscar compreender de que forma as interações num ambiente de comunicação mediada por computadores estão ocupando um lugar na expressão da amizade.

Abordagem relacional da interação e a antropologia das emoções

Primo (2007) afirma que é comum observar a interação como simples transmissão de informações, igualando cognição e computador, comportamento humano e funcionamento informático. “Porém, interagir não é algo que alguém faz sozinho, em um vácuo. Comunicar não é sinônimo de transmitir. Aprender não é receber” (PRIMO, 2007, p. 71). Interação é um processo no qual o sujeito se engaja, em que a relação dinâmica desenvolvida entre as partes tem como característica transformadora a recursividade. “E para que isso seja compreendido, é preciso observar o próprio conhecer como relação” (PRIMO, 2007, p. 71).

“Estudar a interação humana é reconhecer os interagentes como seres vivos pensantes e criativos na relação” (PRIMO, 2007, p. 72), por isso é preciso levar em consideração também o conhecimento do indivíduo, que depende de seu contínuo aprendizado em relação ao meio em que vive. Sujeito e cultura estão sempre juntos, assim como os seus pares ou opositores, a política, crenças religiosas, ou a ausência delas, a linguagem, as instituições, entre outras instâncias.

Para se estudar a amizade entre duas pessoas, por exemplo, não basta querer estudá-las em separado, pois o relacionamento que as une é diferente da mera soma de suas características individuais. O relacionamento vai ganhando uma “forma”, configurando um “padrão” que se atualiza durante a interação e modifica seus participantes (PRIMO, 2007, p. 80)

Considerando que, sob o aspecto sistêmico-relacional, como abordado por Primo (2007), a análise das interações humanas precisa levar em conta as relações com o meio e que os conceitos de emoção implicam negociações sobre vários aspectos da vida social, de acordo com Rezende & Coelho (2010), não se pode desprezar, para esta análise, a influência das emoções agindo diretamente sobre a interação. Para as autoras, as emoções podem ser consideradas como o idioma que define e negocia a relação social entre as pessoas e que devem “ser vistos como elementos de práticas ideológicas locais” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 14). Mauss (1980) demonstra que a expressão dos sentimentos é ritualizada por momentos demarcados e que obedece a uma gramática; “que o indivíduo comunica aos outros aquilo que sente em um código comum, nesse movimento comunicando também a si mesmo suas emoções” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 48).

Rezende & Coelho (2010) explicam que o estudo antropológico das emoções passou a enfatizar o elemento do contexto em que se manifestam os conceitos emotivos, buscando ir além das relativizações, para analisar, sob um ponto de vista pragmático, as situações sociais específicas em que eles são expressos. E que a principal preocupação dessa abordagem é mostrar como o próprio significado varia dentro de um mesmo grupo social, dependendo das circunstâncias em que se manifestam, e atentar para as consequências da expressão dos sentimentos nas relações sociais e de poder. Para as autoras, é a partir da perspectiva de Mauss que surge um modelo teórico para situar as emoções como objeto das Ciências Sociais e “da percepção ocidental moderna das emoções como provenientes do íntimo de cada um”, contrapondo a representação delas como algo “histórica, social e culturalmente configurado” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 49).

A amizade, relacionada ao objeto de estudo deste artigo, e as demais emoções, segundo Rezende & Coelho (2010), “tornam-se parte de esquemas ou padrões de ação aprendidos em interação com o ambiente social e cultural, que são internalizados no início da infância e acionados de acordo com cada contexto” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 30). Elas explicam que, desde cedo, se aprende como, quando e com quem expressar os sentimentos, como um aprendizado emocional, que, “por ser internalizado muito cedo, deixa de ser percebido como uma forma controlada de viver os sentimentos” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 31). Assim, as pessoas aprendem regras explícitas de emoções que devem ser manifestadas em algumas ocasiões conhecidas. Porém, quando essas regras não são evidentes, sentem-se à vontade para expressar-se com espontaneidade. Essa afirmação pode ajudar a compreender as interações dentro dos espaços nos sites de redes sociais, onde as pessoas ainda não compartilham de regras comuns, orientações, direções de comportamento e, por isso mesmo, fazem deles espaços de diferentes tipos de uso. No caso do Facebook, por exemplo, o que pode aproximar ou afastar os amigos conectados nessa rede é a reciprocidade entre eles sobre o que é compartilhado, as trocas. Enquanto em alguns casos, as trocas são aprovadas e retribuídas, em outros, podem provocar conflitos e interferir nas relações on-line e offline dos participantes.

Tanto a abordagem sistêmico-relacional da interação humana mediada pelo computador quanto o estudo antropológico das emoções irão nortear esta reflexão que busca compreender as relações de amizade entre os indivíduos a partir de um site de rede social. Em ambos os casos, o foco da análise está na interação entre as partes e destas com o meio e o contexto, considerando que esses últimos também podem interferir nos relacionamentos entre os indivíduos, ou seja, assim como sofrem a ação, podem também provocar uma ação ou reação.

O problema central deste artigo reside sobre a questão da linguagem citada por Mauss (1980) como uma gramática comum na expressão dos sentimentos: se essa linguagem é compreendida porque é comum a todos que dela compartilham, em um site de rede social, de que forma ela estaria sendo constituída e quais são os códigos comuns observados nesses ambientes para a relação de amizade? Se, do contrário, esses códigos ainda não são conhecidos e são diferentes do ambiente offline, de que forma estão se constituindo e como deverão ser compreendidos?

Expressão dos sentimentos e linguagem

Rezende & Coelho (2010) relatam que na história das Ciências Sociais a presença do afeto ligado às emoções fez com que, durante muito tempo, elas fossem notadas como parte da dinâmica da vida social, não recebendo, por isso, atenção como objeto autônomo para estudos. As autoras creditam essa situação ao status dúbio das emoções na sociedade: “embora se tornassem elementos da interação social, eram vistas como fatos ‘naturais’, realidades psicobiológicas que já eram dadas a priori e modificadas até certo ponto pela socialização em uma cultura específica” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 13).

Os primeiros esforços na direção de tratar as emoções como elementos sociais, segundo essas autoras, foram feitos por Émile Durkheim e Georg Simmel. Em seus textos, ambos trataram as emoções como “estados subjetivos e não sociais”, porém, seguindo linhas distintas de investigação, eles mostraram que há sentimentos que são produzidos socialmente nas relações sociais e que podem produzir “efeitos significativos para as interações e a coletividade de modo amplo” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 13). Mas essa ambivalência sobre o estudo das emoções prevaleceria ainda por muitas décadas, com autores explorando as regras e formas coletivas de expressão dos sentimentos tanto sob o ponto de vista de seu papel ou função social quanto com comparações entre padronizações culturais distintas das emoções.

Somente na década de 1970 o estudo das emoções começou a ter seu escopo melhor definido através do desenvolvimento da abordagem interpretativa. Para Rezende & Coelho (2010), a mudança se deu sobre a noção de cultura, definida até então através de padrões de comportamento habituais e tradicionais, mas que agora receberia uma redefinição através de “teias de significados, transmitidas por símbolos e interpretadas de maneira específica de sociedade para sociedade” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 14). Essa mudança desencadeou o surgimento de novos estudos acerca dos conceitos de pessoa e *self*, assim como das emoções, além de outros que buscavam a articulação entre “emoção e concepções de pessoa com as esferas da moralidade, da estrutura social e das relações de poder” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 14).

Contudo, foi na década de 1980, ainda conforme aquelas autoras, a partir do momento em que se percebem as ideias de pessoa e de subjetividade como construções culturais, que os estudos antropológicos sobre as emoções, através de uma perspectiva relativista, passaram a tratar os sentimentos como “conceitos culturais que mediam e produzem a

experiência afetiva” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 14). Completa esse quadro a proposição de Catherine Lutz (1988 *apud* REZENDE; COELHO, 2010, p. 14) de que os conceitos de emoção “implicam negociações sobre a definição da situação e sobre vários aspectos da vida social, devendo ser vistos como práticas ideológicas locais” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 14). É a partir de então que “as emoções passam a ser tomadas como um idioma que define e negocia as relações sociais entre uma pessoa e as outras” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 14).

Essas autoras acreditam que a tensão do par indivíduo-sociedade na definição do escopo dos estudos sobre as emoções foi mais bem resolvida por Mauss, que, dando continuidade ao trabalho de Durkheim, permitiu uma “exploração do modo como o obrigatório e o espontâneo entrelaçam-se na experiência emocional individual” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 44). É de 1895 a formulação de Durkheim de um projeto teórico-metodológico para a nova disciplina da sociologia em que determina como unidade de análise o “fato social”. “Este é definido como algo que ‘existe fora das consciências individuais’, sendo capaz de exercer uma ação coercitiva sobre a vontade individual” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 46). Isso significa que essa capacidade de coerção externa sobre o indivíduo atesta a natureza social de um fato, aquilo que é capaz de coagir a vontade individual. Para ele, as constituições, os códigos penais, a condenação pela opinião pública ou os costumes são exemplos dessa característica do fato social que se sobrepõe à consciência individual.

No entanto, foi também um trabalho de Durkheim que, segundo Rezende & Coelho (2010), sugeriu que o social poderia, ao mesmo tempo, ser uma condição externa – “fato social” – e interna do indivíduo. Discutindo ritos e crenças religiosas, ele chegou à definição do conceito de “efervescência”. “A ‘efervescência’ é um estado alterado da atividade psíquica individual, que somente se produz quando o sujeito está imerso em meio a uma coletividade, cuja marca é a intensidade” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 47). É neste ponto que, para as autoras, essa possibilidade advinda da “efervescência”, ao mesmo tempo em que atesta a coerção do fato social sobre o indivíduo, sugere que o social pode estar também dentro dele, visto que a existência de um fenômeno coletivo poderia ser capaz de alterar o estado de consciência individual.

Porém, Rezende & Coelho (2010) creditam a Mauss um avanço sobre essa reflexão do par indivíduo-sociedade. Para as autoras, Mauss “mostra o caráter ritualizado da expressão dos sentimentos, que se acentua ou recua segundo momentos socialmente

demarcados na sequência ritual, obedecendo, além disso, a uma estética comum” (REZENDE; COELHO, 2010, p.48). Com um estudo do ritual oral dos cultos funerários australianos, Mauss (1980) pretendia demonstrar que todos os tipos de expressões orais dos sentimentos não se ligavam a fenômenos fisiológicos ou psicológicos, mas sim, a fenômenos sociais, não espontâneos, obrigatórios.

Rezende & Coelho (2010) consideram que a conclusão de Mauss atesta que a natureza ritualizada e coletiva da expressão dos sentimentos é prova de seu caráter como “fato social”. No entanto, ao mesmo tempo em que essa expressão é algo externo ao indivíduo, isso não impossibilita a espontaneidade dos sentimentos, já que podem ser vivenciados por quem os expressa, concluem as autoras. E é nesse ponto que reside a questão central que buscamos até aqui para compreender a expressão da amizade. Como sentimento, uma relação, ela também tem sua linguagem característica.

A constituição da gramática da amizade

Quando Mauss (1980), em sua obra, demonstra que a expressão dos sentimentos está associada a uma linguagem, uma “gramática”, ele assegura que a compreensão da expressão dos sentimentos se dá entre os indivíduos por conta de um código comum partilhado por todos. Os ritos, os gestos, os sons, além de obrigatórios, resultado de uma força coercitiva externa, também podem ser íntimos, espontâneos, permitindo que o sujeito vivencie de fato o que demonstra estar sentindo. Tomando a amizade como um sentimento, logo, composta por uma linguagem típica para que se compreenda e se estabeleça a relação entre as partes, e, ao mesmo tempo, a tensão de caráter obrigatório e espontâneo expresso pela dádiva nas relações sociais, foram selecionados e listados abaixo três prováveis códigos oriundos do estudo netnográfico realizado na pesquisa que deu origem a este artigo⁸, em conjunto com as entrevistas em profundidade, sobre a relação de amizade no Facebook.

O primeiro aspecto entre esses códigos demonstra que, como em suas vidas offline, em um site de rede social as pessoas não estão dividindo os amigos em categorias, separando tipos diferentes de interações para cada grupo⁹. Na verdade, a relação de amizade estabelecida através do ambiente de interação on-line está refletindo a forma como ela se

⁸ Artigo oriundo da dissertação de mestrado homônima, defendida e aprovada na PUC-Rio em março de 2012

⁹ O Facebook oferece a possibilidade de classificar os amigos em listas, incluindo-os em grupos distintos que poderão acessar somente o conteúdo que for determinado pelo usuário para aquela lista. Mais informações: <https://www.facebook.com/help/204604196335128/>

constitui no offline. Ou seja, os amigos são aqueles com quem se tem uma relação originada a partir de frequentes e diferentes interações, em grande parte dos casos, ao longo de muitos anos, reforçando, através do conteúdo trocado nessas interações, a relação entre as partes.

Embora o Facebook, como qualquer site de rede social, permita que as interações sejam mais frequentes, ele não é tido ainda como um espaço capaz de estabelecer uma relação de amizade. Nas entrevistas os respondentes afirmaram que a amizade vai se fortalecendo tanto quanto aumentam os contatos e a interação pessoal, face a face, com outras pessoas, o que os leva a considerar amigos aqueles que os acompanham há anos, como os amigos de infância, da escola, da faculdade etc.

As interações mais frequentes nesse site ajudariam apenas a conhecer de maneira mais rápida aquilo que, numa relação de amizade anterior ao Facebook, se descobriria com o passar dos anos, nas trocas, no convívio, nos encontros, nas conversas. Como isso já ocorreu em uma fase anterior, para esses amigos agora conectados através do Facebook, esse repertório já foi construído e ajuda a fortalecer o laço entre eles na comunicação mediada pelo computador. Para as amizades mais recentes, ou aquelas relações que ainda podem vir a se tornar uma amizade, esse site permite receber dos amigos o conteúdo que vai moldar a relação e fazê-la ser aceita ou rejeitada.

Sendo assim, o que esses usuários do Facebook buscam na construção de sua rede social on-line é manter próximos os amigos que são de um contexto relacional anterior ao site, permitindo que possam agir com a liberdade que julgam necessária para expressar a amizade através dos conteúdos que compartilham. As exceções ficam com os casos de pedidos de amizade aceitos por uma convenção social, como os colegas de trabalho, ou a fim de evitar constrangimentos, como com familiares.

Outro aspecto diz respeito às interações através de diferentes formatos de conteúdo. O Facebook multiplicou as possibilidades e tipos de conteúdo trocados entre os amigos nas interações dentro desse site. Essa multiplicação ocorre à medida que a interação pode se dar através de fotos, álbuns, links, vídeos, textos, tudo dentro do mesmo ambiente e de maneira atemporal, já que ficam disponíveis e podem ser acessados a qualquer tempo.

No entanto, esta pesquisa comprovou que, para a relação de amizade, o conteúdo compartilhado nas interações tem uma relação direta entre quem dá e recebe, ou seja, no Facebook as pessoas aproximam-se ainda mais daquelas que demonstram gostos, opiniões, preferências similares às suas. E essa similaridade, em grande parte dos casos, foi sendo construída na relação de amizade existente antes desse site, atestando que independem de

formato. Logo, voltamos mais uma vez às amizades de longa data e mesmo aquelas oriundas das relações profissionais, entre colegas que, com a convivência diária, tornaram-se amigos.

No Facebook, cada usuário tem em média 190 amigos¹⁰, mas alguns chegam a somar até cinco mil, que é o limite de um perfil do site. Ainda assim, as entrevistas comprovaram que quando esse número é levado para fora do site, na vida offline, os usuários mantêm relação, interação face a face, com até menos de 10% desse total. Alguns chegaram a se referir a um grupo de seis, no máximo, dez pessoas da escola ou da faculdade. Quando se referem a amigos de infância, esse número é ainda menor. O fato é que somando amigos de infância com os de colégio e faculdade ou trabalho, chega-se a um resultado muito menor do que a quantidade de “amigos” que se tem na rede social on-line.

Esses três aspectos identificados como expressões de um código da amizade, analisados sob a ótica da interação no Facebook, têm em comum o fato de que a amizade é sempre marcada pela relação de mais longo prazo, estabelecida através da troca de conteúdos frequentes em interações diversas. E geralmente esses amigos são poucos, bem diferente da quantidade de “amigos” listados no Facebook. Nesse site, existe a possibilidade de mais interação com mais gente, porém, essa interação não garante a existência de uma relação de amizade.

Há também os casos em que as publicações, o conteúdo compartilhado no site, facilitam a interação no offline. Dando pistas sobre gostos musicais, lugares visitados, atividades pessoais e profissionais, os usuários vão criando um repertório que possibilita fazer desses temas assuntos para uma abordagem fora do site. Na falta de um conhecimento mais profundo sobre o que a pessoa gosta, aonde vai, o que pensa, essas pistas ajudam a estabelecer o diálogo e colaboram para facilitar a interação. Mas isso vale principalmente para a relação com aquelas pessoas que não eram amigas antes do Facebook.

Outro aspecto diz respeito à utilização do espaço como local da memória da amizade. Com a possibilidade de compartilhar fotos principalmente, nota-se que os usuários estão fazendo do Facebook um repositório das memórias, das lembranças da amizade. Muitos compartilham fotos antigas, comentam sobre a época passada, lembram situações vividas juntos e, com muita frequência, compartilham toda e qualquer foto feita nos últimos anos. Depois de um encontro à noite com fotos, compartilham um álbum no Facebook; depois de uma festa de aniversário com fotos, compartilham também; sempre que viajam juntos ou

¹⁰ <https://www.facebook.com/notes/facebook-data-team/anatomy-of-facebook/10150388519243859>
(novembro de 2011)

comparecem a um evento, logo em seguida compartilham as fotos feitas nessas ocasiões. E é dessa forma que os álbuns no Facebook passam a servir de apoio à memória da relação entre dois ou mais amigos ou entre um grupo de amigos. As fotos ficam disponíveis para serem acessadas a qualquer momento e, mesmo as mais antigas, depois de compartilhadas, também podem, a qualquer tempo, serem trazidas de volta com um comentário ou um “curti”.

O levantamento apresentado acima representa uma tentativa de compreender a linguagem correspondente à expressão do sentimento da amizade dentro das interações que ocorrem num espaço em que as relações são mediadas pelo computador. Nesses ambientes as pessoas ainda buscam referências para estabelecer relações sociais como a amizade. Geralmente, essas referências encontram-se nos ambientes externos aos da internet, nos contextos relacionais existentes antes do surgimento do Facebook ou de qualquer ferramenta apropriada para a comunicação na rede mundial de computadores. De comum em ambos os casos está a linguagem, que permite o compartilhamento de códigos – símbolos, referências, sinais etc. – que fluem entre o offline e o on-line, e vice-versa, algumas vezes buscando adaptar-se ao meio, pois são esses códigos que permitem as trocas e a interação no interior de qualquer relação e na expressão dos sentimentos. E é certamente o que está ocorrendo com a expressão da amizade em um site de rede social como o Facebook. Embora conectados todos sejam amigos, a referência de amizade para quem está on-line só existe porque, antes, existiu a amizade nos ambientes offline.

Considerações finais

Com base nessas evidências é que este artigo avançou sobre as interações no Facebook e dentro da relação de amizade para compreender de que maneira os códigos configurados e partilhados pelos indivíduos no contexto anterior a esse site situam-se, agora, dentro dele. A conclusão foi de que a tecnologia não deve ser encarada como fator determinante e capaz de reconfigurar aqueles códigos, mas pode ser atribuída a ela a capacidade de impulsionar e incluir no âmbito das relações sociais outras formas de interação, de múltiplos conteúdos, independentes de tempo e espaço. Nesse caso, o espaço é o social, é o espaço compartilhado, que, aliás, é uma forte característica da internet, seu espaço “social” para as interações, como em sites de redes sociais.

Visto que o Facebook tornou-se um espaço social de interação e que, ao menos, grande parte das regras comuns que regulam a relação de amizade e a expressão desse

sentimento entre os indivíduos, através de uma linguagem própria, estão ancoradas sobre as interações no contexto offline, a questão que se coloca aqui, a fim de avançar sobre o tema, seria compreender de que maneira as situações sem referenciais no contexto offline serão resolvidas no ambiente on-line de um site de rede social como esse. A liberdade, como apresentado anteriormente, é primordial para a manutenção do equilíbrio que a própria dádiva exige das relações. Por outro lado, de que maneira ela pode estar relacionada, por exemplo, aos conflitos gerados, dentro desse site de rede social, quando permite que os indivíduos façam uso de códigos não partilhados entre todos na linguagem que expressa a amizade? O desenvolvimento da interação e das relações sociais que se estabelecem, em ambientes de comunicação mediada pelo computador, assim como a linguagem identificada na expressão dos sentimentos nesse cenário devem tornar-se temas de grande relevância e interesse tanto para a Comunicação Social quanto para as Ciências Sociais. Esta pesquisa representa o primeiro passo nesse sentido e pretende colaborar para o avanço e o desenvolvimento de novos estudos nos campos das Ciências Humanas e Sociais.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Adriana. **Personas materno-eletrônicas**: feminilidade e interação no blog Mothern. Porto Alegre: Sulina, 2008

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 4^a ed., 2008.

MAUSS, Marcel. **A expressão obrigatória dos sentimentos**. In: FIGUEIRA, S. (org). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

REZENDE, Claudia Barcelos; COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.